

ANAIS IIIº MOSTRA + TEATRO DA FAP

FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ

MARCIO MATTANA – COORDENADOR

Por se tratar de um evento de natureza acadêmica, desenvolvido com os alunos do quarto ano do Curso de Artes Cênicas (Bacharelado em Interpretação e Direção) da Faculdade de Artes do Paraná, visando o estudo e a pesquisa de textos dramáticos, o resultado do projeto foi a montagem das peças *NÃO É UM FRANCÊS* e *POIS DE QUE VIVE O HOMEM*.

A apresentação dos espetáculos tem como objetivo a complementação extra-curricular e a disseminação do conhecimento cultural adquirido com o estudo, a pesquisa e a montagem das peças, numa integração com a comunidade. Os alunos desenvolvem nesta etapa a crítica, a reflexão e a criatividade, num processo de criação em equipes, preparando-os para o exercício da profissão com o diferencial de terem estudado num curso superior. Alunos que poderão participar do cenário teatral paranaense com novas formas de encenação e reflexão crítica sobre a arte.

RESUMO DOS PROJETOS:

NÃO É UM FRANCÊS

Tomar como ponto de partida um mito grego para refletir sobre algumas questões da atualidade foi a proposta inicial deste projeto. o mito: a queda de Icaro. Algumas questões da atualidade como avanços tecnológicos, manipulação genética, consumismo exacerbado, superação da condição humana, poder da mídia e da publicidade, invasão da filosofia

oriental no ocidente, anorexia, entre outras, são discutidas neste espetáculo, a partir da releitura do mito grego.

O texto é uma transposição do mito: o sol, que tanto fascinou o personagem-título a ponto de leva-lo à morte, pode ser lido atualmente como o comercial da tv, que vende a idéia de vida ideal e da felicidade. Uma história fragmentada. diante da platéia apresenta-se um mosaico estilhaçado, numa clássica brincadeira de ligue os pontos, ou esconde-esconde, ou quebra-cabeça no qual algumas peças estão ausentes. Da mesma forma que ocorre com a construção do personagem, a dramaturgia assume um caráter fragmentado, como se partisse de uma história inicialmente coesa, porém, qual uma vítima de explosão, estilhaçasse e da qual nos chegam apenas fragmentos.

A idéia de fragmento é um reflexo da contemporaneidade. nessa forma, os discursos estão em suspenso porque não há um sujeito fixo e central ao qual possa ser atribuída a individualidade. assim sendo, entre um estilhaço (cena) e outro, ocorrem grandes saltos de estética, bem como a interferência de ruídos de outros textos (ocorrência de intertexto).

POIS DE QUE VIVE O HOMEM

O espetáculo é resultado de uma pesquisa sobre a vida e a obra do dramaturgo e encenador Bertolt Brecht. poemas, trechos de peças e músicas criadas por Brecht foram o material de trabalho do grupo. a proposta de um ambiente descontraído como um cabaret, onde os atores cantam, interpretam personagens criados por Brecht e cantam suas canções, resgata um perfil bastante fiel ao criador do distanciamento e grande pensador teatral.

Brecht, antes de ser um teórico, sempre foi um homem de teatro que tinha como proposta a arte como espaço de reflexão crítica, mas também como diversão. os alunos participaram de todo o processo de pesquisa cênica da obra de Brecht, escolhendo os trechos, poemas e músicas, assistindo vídeos, vendo filmes, livros e demais materiais onde se fala de e

sobre Brecht, assim como algumas de suas encenações que têm registro audiovisual. a proposta reforça o caráter de pesquisa e criação que orienta o curso de artes cênicas em toda a formação dos alunos: criação através da pesquisa, reflexão e crítica.

PROGRAMAÇÃO

De agosto a novembro de 2007- pesquisa, criação dramática e ensaios das peças.

Apresentação das peças no teatro Falec de 10 a 16 de dezembro de 2007.

PARTICIPANTES

Esse projeto envolve os alunos de direção e de interpretação do quarto ano do Bacharelado em Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná.

Os espetáculos foram gratuitos e tiveram um público total de 1200 pessoas.

FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ

NÃO É UM FRANCÊS

de Catharina Negraes

Projeto de Encenação

MAIO / 2007

APRESENTAÇÃO

Tomar como ponto de partida um mito grego para refletir sobre algumas questões da atualidade. O mito: A Queda de Ícaro. Algumas questões da atualidade: avanços tecnológicos, manipulação genética, consumismo exacerbado, superação da condição humana, poder da mídia e da publicidade, invasão da filosofia oriental no ocidente, anorexia entre outras.

O texto *Ícaro* é uma transposição do mito: o sol, que tanto fascinou o personagem-título a ponto de leva-lo à morte, pode ser lido atualmente como o comercial da tv, que vende a idéia de vida ideal e felicidade e desvia a atenção do espectador para o que é real e essencial; Dédalo - o pai zeloso e preocupado que tanto aconselhou Ícaro a não voar alto demais, para que não lhe derretesse as asas, nem baixo demais, para que as ondas do mar não o tragassem -, pode perfeitamente ser interpretado como o budismo, a tal filosofia do caminho do meio, que está a convencer mais e mais indivíduos do mundo ocidental; as asas feitas de pena e cera pelo grande artesão grego, com o intuito de voar podem ser agora encaradas tanto como o desejo do homem de dominar o espaço sideral ou sua cede pela tecnologia, ou até mesmo a manipulação genética.

Uma história fragmentada. Diante da platéia apresenta-se um mosaico estilhaçado. Numa clássica brincadeira de ligue os pontos, ou esconde-esconde, ou quebra-cabeça no qual algumas peças estão ausentes.

CONCEPÇÃO DE DIREÇÃO

Argumentação Básica

A grande justificativa que defende as opções estético-conceituais deste projeto eu retiro da minha própria trajetória dentro da FAP.

A GRÉCIA

Quando entrei na faculdade, meu objetivo maior era estudar o Kathakali (teatro sagrado da Índia). Qual não foi a minha surpresa ao descobrir, nas aulas da professora Ivanise, que o currículo do curso só previa estudos de História do Teatro a partir do Teatro Grego! *Pois bem*, eu digo hoje. Me proponho, então, a realizar o trabalho de conclusão de curso com uma peça cujo tema central é inspirado em um mito grego.

O TEATRO DO ABSURDO

Ainda no 1º ano, conversas na cantina com alguns colegas, dentre eles Gesse Malmann, Ana Ferreira, Lucas Mattana. A idéia: formar um grupo de estudos sobre o Teatro do Absurdo.

A PERFORMANCE

No 2º ano, entrar em contato com os conceitos de performance nas aulas da Margarida Rauen e da Amábilis de Jesus (e no ano seguinte, nas aulas do Giancarlo) foi crucial para a formação do meu pensamento atual sobre encenação. Tal influência permeia algumas das minhas opções estéticas para este projeto e para outros que desenvolvo fora da faculdade.

TRANSPOSIÇÃO

Com Margarida (Margie) ainda ocorreu uma abertura de consciência e sistematização do trabalho como diretora gerada a partir do exercício de transposição.

PRÉ-EXPRESSIVIDADE

Minha frustração quanto à pesquisa do teatro oriental foi significativamente amenizada quando entrei em contato com os escritos de Eugênio Barba (seminário desenvolvido nas aulas da Margie) e um pouco da prática baseada em suas pesquisas, esta vivenciada nas aulas da professora de corpo Titi.

DRAMATURGIA PRÓPRIA

No 3º ano, mais algumas influências absorvidas que trago para este projeto: foi numa aula com Paulo Biscaia que surgiu - à base de muito cutucão - a idéia de um texto próprio. Lá iniciei a escritura e estruturação do texto apresentado aqui.

DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA

Nas discussões sobre dramaturgia contemporânea com Márcio Mattana e Marcos Davi foi que percebi a minha identificação com esse período de produção de texto.

INTERTEXTO

Na ocasião da montagem do texto *Hamletmaschine*, de Heiner Muller, com as alunas do 2º ano/2006 e em parceria com Nina Rosa, surgiu o meu interesse pelo intertexto, recurso amplamente utilizado pelo autor.

ARTAUD

Para a apresentação do meu Manifesto de Direção, visitei muitos conceitos do Teatro da Crueldade. Seu criador está presente nesse projeto como influenciador na maneira como concebo os diversos elementos da cena, que estão além do trabalho com os atores.

O ATOR CRIADOR

A partir do 3º ano, acompanhei um processo de modificações internas na faculdade no sentido de valorizar o trabalho do ator como criador. São elas: a elaboração de projetos próprios de encenação e a prova do 4º ano de interpretação, em caráter de manifesto ou apresentação de sua linha de pesquisa própria.

A Estética do Esboço e O Mosaico Estilhaçado

Conjugando três das opções citadas acima, busco uma estética a qual denomino aqui como sendo a Estética do Esboço, e que explicito a seguir.

Em breves linhas, do **teatro do absurdo** conserva-se a grande característica desse estilo teatral, a saber, a busca por um realismo, porém um realismo aparente, porque baseado numa premissa falsa. O realismo da cena trabalha em favor da identificação da platéia com o que ela está vendo, mas principalmente em favor da suspensão da descrença.

A premissa falsa do Teatro do Absurdo é equivalente ao estado de atuação do ator (indivíduo), que se alterna com o seu estado de representação (personagem). Ao ator é dada a tarefa de construir um personagem realisticamente, porém este personagem estará apenas esboçado e, como todo esboço, onde as linhas desse personagem estiverem fracas ou mesmo inexistentes, o que veremos é o fluxo de atuação do ator, o que vemos é sua presença cênica em estado performático denunciando o que há por trás do personagem. É dessa forma que aplicaremos as questões de representação X atuação, levantadas pela **performance**. Faz-se necessário esclarecer aqui que os momentos em que ocorre este verdadeiro “vazamento” da presença do ator através das lacunas do personagem são precisamente definidos na cena: o ator cria e logo fixa essa relação, esse jogo entre ator e personagem; o ator realmente alterna entre esses dois estados, deixando claro os limites que os separam.

Para a busca desse estado de atuação, essa presença cênica tão exigida, faremos uso dos conceitos de **pré-expressividade** encontrados na obra de Eugênio Barba, por conta desta servir como base de qualquer tipo de atuação, no entanto livre de qualquer busca por um resultado estético.

Da mesma forma que ocorre com a construção do personagem (esboço) a dramaturgia assume um caráter fragmentado, como se parti-se de uma história inicialmente coesa, porém, qual uma vítima de explosão, se estilhaça-se e da qual nos chegam apenas fragmentos. Porém, qual o agente de detonação dessa explosão?

A idéia de fragmento é um reflexo da **contemporaneidade**. No nosso tempo, presenciamos muito o fenômeno da multiindividualidade do sujeito ou a desconstrução/fragmentação do sujeito. Tal idéia está representada pela equação:

(SUJEITO MÚLTIPLO = “EU” NÔMADE) ≠ (INDIVÍDUO = “EU”
CENTRALIZANTE)

Em diversos autores contemporâneos percebemos esse questionamento direto e essa busca pelo rompimento da lógica cartesiana (linearidade), a qual já não dá mais conta dessa realidade polifônica. Dessa forma, os discursos estão em suspenso porque não há um sujeito fixo e central ao qual possa ser atribuída a individualidade. Assim sendo, entre um estilhaço (cena) e outro, ocorrem grandes saltos de estética, bem como a interferência de ruídos de outros textos (ocorrência de **intertexto**).

Para dar conta de uma dramaturgia, fui buscar base em **Artaud**, mais especificamente nas passagens do seu livro O Teatro e seu Duplo, em que o autor frisa a importância de se elevar o status dos demais elementos da cena e também a busca pela sensibilização da platéia através de “eletrochoques”. No caso desse projeto, a concepção de um cenário igualmente fragmentado em painéis cambiantes e periféricos que define a platéia no centro (arena invertida), vem buscar a

Outra característica fundamental da **dramaturgia contemporânea** é o fato de se pensar conteúdo na mesma medida em que se pensa a forma do texto; ou mesmo tratar a forma como conteúdo e vice-versa. Em *Ícaro* (texto assumido para esse projeto) encontramos a **Grécia** como inspiração tanto para o conteúdo (o mito de Ícaro) quanto para a forma (cenas cuja estética assumida é a tragédia grega, mais especificamente a figura do coro grego). Em outra cena a discussão gira em torno da análise de uma determinada *performance*. Em outras, trazemos à cena a *performance* propriamente dita. Outras palavras-chave seguindo esse processo são: meta-linguagem e obra de arte auto-referente.

O encontro de um diretor que se dispõe a utilizar uma **dramaturgia própria** (pré-existente à montagem) vem corroborar com a idéia de um elenco composto por **atores criadores**, no sentido de que muitas das idéias geradas pelo processo coletivo poderão não apenas serem absorvidas na encenação, mas também poderão se configurar como texto propriamente dito.

No Anexo 1 deste projeto, dou um exemplo de como produzi um texto próprio a partir do que me foi dado numa criação coletiva.

ANÁLISE DRAMATÚRGICA

Sobre o Gênero:

O texto segue o paradigma do drama moderno, na medida em que trata de questões sérias, como o consumismo, a manipulação da mídia, os limites do ser humano – questões estas retiradas do contexto do mundo ocidental atual -, porém de maneira a empregar um alto grau de ironia, paródia, sarcasmo (o que fica a cargo tanto do conteúdo quanto da forma) – estes todos recursos muito utilizados no gênero comédia.

Se levarmos em conta as auto-referências contidas no texto, podemos dizer que se trata de um gênero indefinido

(...) Desculpe por agora eu estar te mostrando isso. Mas dessa vez não dá pra ser um romance, não dá pra ser um ‘francês’; isso é tudo o que eu tenho pra te oferecer no momento (...)

Sobre a Estrutura

A peça está dividida em 14 cenas que respeitam uma lógica interna, ou seja, seguem a seguinte denominação:

bifão do protagonista (02)

coro (02)

monólogo com 2 (05)

flash, ou cena de transição (04)

grande diálogo central (01)

A estrutura atual do texto possibilita a inclusão de novas cenas, contanto que sigam tal lógica.

Não há uma linearidade explícita no enredo.

ELEMENTOS DA CENA

O ATOR

O papel do ator nesse trabalho é extremamente importante, uma vez que cabe a ele transportar o público, através de sugestões e com pouquíssimo apoio descritivo de cenários, figurinos ou adereços, para as situações invocadas pelo texto.

Em Artaud:

“... pensamos fazer com que o lirismo do ator sirva para manifestar forças externas...” (ARTAUD, 1984, p. 110).

Para tanto, percebo a necessidade de um treinamento corporal e vocal que poderá utilizar-se de algumas técnicas exploradas por Eugênio Barba e expostas em seu livro *Antropologia Teatral – A arte secreta do ator*. Um exemplo disso é trabalhar a consciência corporal do ator tendo como mote os conceitos de pré-expressividade, o jogo de oposições, os sats. Isso tudo visando trabalhar apenas a presença cênica do ator, fazendo-o reconhecer seu corpo como instrumento expressivo, e não buscando um resultado estético – como o próprio Barba preconiza. Quaisquer outras técnicas que tenham a mesma finalidade, ou seja, dilatação do corpo e da mente do ator numa utilização extra-cotidiana, ou mesmo os *sats*, podem ser acrescentadas.

Paralelamente à preparação básica de pré-expressividade (corpo e voz), o senso crítico do elenco estará sendo solicitado, em reuniões de discussão teórica sobre as questões da atualidade, análise do mito, discussões sobre estéticas teatrais e análise e memorização do texto. Como

boa parte do texto da peça é uma livre adaptação de obras já existentes na dramaturgia contemporânea, há uma necessidade de se debruçar sobre as obras-bases.

Num segundo momento, o elenco entrará em contato com diversas estéticas: tragédia grega, interpretação cinematográfica, linguagem publicitária, teatro realista, *performance*.

Ao elenco será dada a oportunidade de criar cenas inteiras que não estão previamente escritas, respeitadas as características do projeto.

CENÁRIO E RELAÇÃO PALCO/PLATÉIA

O público encontra-se no centro do espaço, cercado de painéis que fecham o ambiente. Esses painéis são cambiantes, neutros e fragmentados (encaixados como peças de um quebra-cabeça), e compõem cada cena de maneira diferenciada. Serve como suporte dramático no sentido em que fará uma “edição das imagens” apresentadas ao público.

A ideia de manter o público no centro do cenário tem também o intuito de sugerir que o público, mais especificamente o indivíduo que se encontra sentado na platéia, é o epicentro da explosão que se supõe, frente aos fragmentos de história que se apresentam diante de seus olhos.

Em Artaud:

“É a fim de apanhar a sensibilidade do espectador por todos os lados que preconizamos um espetáculo giratório e que, ao invés de fazer da cena e da sala dois mundos fechados, sem comunicação possível, difunde seus relâmpagos visuais e sonoros sobre toda a massa dos espectadores.” (ARTAUD, 1984, p. 110)

A opção de um cenário fragmentado se justifica por 1) dar conta de uma dramaturgia igualmente fragmentada, que exige saltos de ambientes; 2) propor um jogo com a platéia, a qual deverá se mover (girar a cadeira) para acompanhar a ação, que poderá vir de qualquer direção, diferentemente de um palco italiano, onde a relação é fixa. A própria dramaturgia sugere esse jogo de enigma a ser desvendado, perseguição, o juntar pedaços; 3) Os

painéis neutros em detrimento de um cenário descritivo exigirão que a platéia complete as imagens que serão apenas sugeridas pelo texto.

LUZ

A platéia nunca estará no escuro; ela recebe a luz indireta da cena. Servirá para pontuar a encenação, quando indica aonde irá se passar a ação. E como o cenário, é encarada como um elemento que possui vida própria. À luz cabe também a função de provocar sensações físicas diversas na platéia.

FIGURINO

As peças do figurino são uma reprodução do que é atualmente usado em nossa sociedade.

Quanto à utilização de cores, o figurino vai do preto ao branco, passando por diversos tons de cinza. Tal opção se justifica pela tentativa de padronizar de certa forma as características individuais dos personagens.

CRONOGRAMA DE TRABALHO

AGOSTO

Discussões teóricas, filosóficas; levantamento e análise de materiais de referência; leitura de bibliografia básica;

Ensaio prático de pré-expressividade

SETEMBRO

Análise e memorização do texto;

Ensaio prático de pré-expressividade

Ensaio prático específico com base nas estéticas assumidas, a saber: tragédia grega, cinema, comercial de tv, realismo, *performance*, entre outras.

OUTUBRO / NOVEMBRO

Criação das cenas

Produção de cenário, figurino, vídeos etc.

NOVEMBRO / DEZEMBRO

Ensaio geral e apresentações

BIBLIOGRAFIA

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. 1ª Edição. São Paulo: Max Limonad, 1984.

AZEVEDO, Sonia Machado. *O Papel do Corpo no Corpo do Ator*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. *A Arte Secreta do Ator – Dicionário de Antropologia Teatral*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CARVALHO, Paulo Eduardo. “*Martin Crimp: um universo dramaturgico em expansão*”. (In CRIMP, p. 9 – 36).

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

COHEN, Renato. *Work in progres*.

CRIMP, Martin. *Peça com Repetições e (A)tentados*. 1ª Edição. Trad. Carlos Eduardo Carvalho. Porto: Campo das Letras, 2000.

VIRMAUX, Alain. *Artaud e o Teatro*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

ANEXO 1

Material de Criação Coletiva

(frases escritas aleatoriamente, num processo de escrita automática.
Peça: Fim da Tarde, Mesa Oito, com Márcio Mattana, Andrea Obrechth e Catharina Negraes)

ANDREA: tomei um gole de alguma coisa, que me lembra você, perfume talvez

MARCIO: eu não bebo, parei, definitivamente.

CATHARINA: mas uma gotinha, bem pequena, escorreu pela minha garganta e me envenenou de desejo.

ANDREA: minha vagina arde com o perfume que você jogou nela.

MARCIO: assim você me faz voltar atrás em tudo que pensei pra mim.

CATHARINA: ando de ré que nem caranguejo e me dá um frio na espinha.

ANDREA: peixe com espinho é muita imagem para um almoço só.

MARCIO: rosas têm espinhos. Peixes têm espinhas. Eu tenho acne.

CATHARINA: vi meu reflexo, esses dias, na beira de um lago. Que bonito, o lago.

ANDREA: lago de acnes, ui!

Cena criada a partir do material acima

CENA 02: NO RESTAURANTE

(Um casal sentado à mesa e sobre a mesa um girassol)

GARÇONETE (Andrea)

Aceita uma taça de perfume, senhor?

HOMEM

Eu não bebo. Parei, definitivamente.

MULHER (Catharina)

Ah... só uma gotinha, querido, uma pequena gotinha não vai te envenenar...

HOMEM

Assim você me faz voltar atrás em tudo que pensei para mim.

MULHER

Só uma gotinha...

HOMEM

Está bem.

*(Ela abre as pernas e a garçonete esborrifa o perfume em sua vagina.
O homem a chupa).*

HOMEM

Estou envenenado de desejo.

MULHER (*Para a garçonete, com prazer*).

Minha vagina arde com o perfume que você jogou nela.

GARÇONETE

E para comer, senhor?

HOMEM

Peixe.

MULHER

Peixe, não. Tem espinho. Peixe com espinho é muita imagem para um almoço só.

HOMEM

Rosas têm espinho. Peixes têm espinha. Eu tenho acne.

MULHER

Não, querido. Não tem, não.

HOMEM

Eu tenho, sim. Eu tenho acne. Vi meu reflexo, esses dias na beira de um lago. Que bonito. O lago. Resolvi espremer. A acne. A paisagem se transformou num imenso lago de acne.

GARÇONETE

Uhi!

HOMEM

Então, querida: peixe?

MULHER

Os peixes vêm do mar ou do lago?

GARÇONETE

Este, senhora, vem do lago.

MULHER

Uhi! Assim você me faz voltar atrás no pedido. Eu volto atrás.

GARÇONETE

Caranguejo? Vocês aceitam caranguejo?

MULHER

Os Caranguejos vêm...

GARÇONETE

Do mangue, senhora.

MULHER

Perfeito!

HOMEM

Quando ando de ré feito caranguejo, me dá um frio na espinha!

MULHER

Assim você está voltando atrás naquele assunto.

HOMEM

Mas que assunto?

MULHER

Espinha, espinho, acne... As rosas não têm só espinhos. Têm perfume, também.

HOMEM

Dia desses, tomei um gole de alguma coisa que me lembrou você. Acho que era perfume.

MULHER

Você disse que tinha parado de beber.

HOMEM

Sim, querida. Foi só uma gotinha. Bem pequena.

MULHER

Assim, você me faz voltar atrás no amor que eu sinto por você.

(Ela pega uma taça da mesa e joga nele).

HOMEM

Ai! Meus olhos ardem com o perfume que você jogou neles.

MULHER

Você tem acne, desvio na coluna e um espinho no pé que não sai.
Você é desprezível.

(Ela sai).

GARÇONETE *(Trazendo o caranguejo).*

E sua esposa, senhor?

HOMEM

Ela tem uma vagina que parece uma rosa, mas cheira a peixe. Antes de sair, acertou em cheio meus olhos com uma taça de perfume. Mas uma gotinha, bem pequena, escorregou pela minha garganta e me envenenou de desejo. *(Sai atrás de sua mulher).*

GARÇONETE

(Confere a hora no relógio. Ao perceber-se sozinha, senta-se à mesa e observa o pôr-do-sol. O girassol do vaso sobre a mesa gira na direção do pôr-do-sol).

Descrição das Cenas

1#

NOME DA CENA	Sob Ferragens
TIPO DE CENA	Bifão do protagonista
PERSONAGENS	Um homem
AÇÃO	O homem fora atropelado e faz as últimas considerações sobre sua vida antes de morrer
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Na parte externa do teatro, antes do público entrar
ASSUNTOS ABORDADOS	
REFERÊNCIAS	Marius von Mayenburg (<i>Parasitas</i>)

2#

NOME DA CENA	Coro Publicitário
TIPO DE CENA	Coro
PERSONAGENS	3 garotas-propaganda
AÇÃO	3 garotas-propaganda cantam jingle de um produto fabuloso, porém indefinido;
ESTÉTICA	Paródia de um comercial de tv
ESPAÇO	Entre o hall de entrada do teatro e o palco
ASSUNTOS ABORDADOS	Mídia e consumismo
REFERÊNCIAS	Comerciais de tv

3#

NOME DA CENA	Trombando com o Anjo
TIPO DE CENA	Flash, ou cena de transição

S	PERSONAGENS	Um homem, seu amigo e mulher desconhecida
	AÇÃO	O homem e a mulher desconhecida se trombam na rua; o encara-la, o homem percebe que ela possui asas
	ESTÉTICA	Realismo absurdo
	ESPAÇO	Palco (o homem e seu amigo) Projeção (a mulher desconhecida com asas)
	ASSUNTOS ABORDADOS	
	REFERÊNCIAS	

4#

CENA	NOME DA	Dédalo era Budista
	TIPO DE CENA	Monólogo com dois (em que existem dois atores em cena, porém só um fala)
S	PERSONAGENS	Um monge e seu discípulo
	AÇÃO	O monte passa alguns preceitos
	ESTÉTICA	Realista
	ESPAÇO	Palco
	ASSUNTOS ABORDADOS	A invasão da filosofia oriental no mundo capitalista
	REFERÊNCIAS	Filme <i>Waking Life</i> , de Richard Linklater (roteiro e direção)

5#

CENA	NOME DA	A garota do Comercial
	TIPO DE CENA	Monólogo
S	PERSONAGENS	Uma garota-propaganda

AÇÃO	Desabafo da personagem que vira discurso
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco que se funde à projeção
ASSUNTOS ABORDADOS	Manipulação da mídia, anorexia, exploração do corpo
REFERÊNCIAS	Martin Crimp <i>Ninguém assiste o Vídeo</i> , personagem Elisabeth

6#

NOME DA CENA	Labirinto
TIPO DE CENA	Monólogo com dois
PERSONAGENS	Um médico e sua paciente
AÇÃO	Médico diagnostica e explica a enfermidade da paciente a ela
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco
ASSUNTOS ABORDADOS	
REFERÊNCIAS	Filme <i>Waking Life</i> , de Richard Linklater

7#

NOME DA CENA	Deixe seu recado
TIPO DE CENA	Flash
PERSONAGENS	Secretária eletrônica
AÇÃO	Off de diversos recados da secretária eletrônica
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco

ASSUNTOS ABORDADOS	Fragments de vários assuntos abordados em outras cenas
REFERÊNCIAS	Martin Crimp, <i>Atentados</i> Salinger (intertexto)

8#

NOME DA CENA	Dealer
TIPO DE CENA	Grande diálogo central
PERSONAGENS	O anunciante e o telespectador
AÇÃO	O telespectador faz um comentário sobre a propaganda e o anunciante começa a conversar com ele
ESTÉTICA	Realismo absurdo
ESPAÇO	Palco (telespectador) Projeção e depois palco (anunciante)
ASSUNTOS ABORDADOS	Consumismo, mecanismos da publicidade, terrorismo,
REFERÊNCIAS	Koltès, <i>Na Solidão dos Campos de Algodão</i> Martin Crimp, <i>Atentados</i>

9#

NOME DA CENA	Menina com Asas
TIPO DE CENA	Flash
PERSONAGENS	Uma menina em trajes de 1ª Comunhão
AÇÃO	Ela parada ouve comentários em off de adultos
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco + áudio
ASSUNTOS	

ABORDADOS	
REFERÊNCIAS	Biografia de Frida Khalo

10#

NOME DA CENA	Penas Pra Que Te Quero
TIPO DE CENA	Monólogo com dois
PERSONAGENS	Um homem e seu/sua amigo(a)
AÇÃO	Os dois fazem críticas ao trabalho de uma certa <i>performer</i>
ESTÉTICA	Realista
ESPAÇO	Palco
ASSUNTOS ABORDADOS	Body art, performance, limites entre a vida e a arte, manipulação genética,
REFERÊNCIAS	Martin Crimp, <i>Atentados</i>

11#

NOME DA CENA	“Não é um ‘francês’ ”
TIPO DE CENA	Flash
PERSONAGENS	Um casal
AÇÃO	Os dois, no cinema, assistindo a um filme: ela assiste, ele dorme
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco + projeção
ASSUNTOS ABORDADOS	Problemas de comunicação interpessoal em diversos níveis
REFERÊNCIAS	Auto-referencial

12#

NOME DA CENA	Pássaros
TIPO DE CENA	Monólogo com dois
PERSONAGENS	Um homem e seu amigo
AÇÃO	Os dois conversam caminhando na rua após o trabalho
ESTÉTICA	Realismo
ESPAÇO	Palco e projeção
ASSUNTOS ABORDADOS	Novos avanços tecnológicos, velocidade
REFERÊNCIAS	Artigos científicos, matérias recentes sobre os temas em jornais e revistas

13#

NOME DA CENA	Coro Grego
TIPO DE CENA	Coro
PERSONAGENS	Coro grego
AÇÃO	
ESTÉTICA	Tragédia grega, vídeo de animação, vídeoclip etc
ESPAÇO	Palco + projeção
ASSUNTOS ABORDADOS	Os rumos da humanidade, os rumos das artes
REFERÊNCIAS	

14#

NOME DA CENA	Removedor de Manchas
--------------	-----------------------------

TIPO DE CENA	Bifão da protagonista
PERSONAGENS	Uma mulher
AÇÃO	A mulher está se esvaindo em sangue diante da tv e da secretária eletrônica, por conta de um acidente doméstico; faz suas últimas considerações sobre sua vida antes de morrer
ESTÉTICA	Realismo absurdo
ESPAÇO	Palco
ASSUNTOS ABORDADOS	consumismo
REFERÊNCIAS	

POIS,

DE QUE VIVE O HOMEM?

Livre leitura de poemas e

outros escritos de Bertolt Brecht

Tradução e adaptação (1991) de Chico Nogueira

Revisões 2001, 2006 e 2007.

Gislaine:

Em nosso teatro, diante da natureza e diante da sociedade, que atitude produtiva podemos tomar para o prazer de todos nós, filhos de uma época científica? Essa atitude é uma atitude crítica. Diante de um rio, consiste em regularizar seu curso; tratando-se de uma árvore frutífera, enxerta-la; tratando-se do problema dos transportes, construir veículos terrestres, marítimos e aéreos; tratando-se da sociedade, fazer a revolução. Nossas representações da vida comum dos homens destinam-se aos que dominam os rios e as árvores, aos construtores de veículos e aos revolucionários; a todos esses convidamos para virem ao nosso teatro, pedindo-lhes que, quando aqui estiverem, não esqueçam seus alegres prazeres, pois queremos entregar o mundo aos seus cérebros e aos seus corações, para que o transformem a seu critério.

BERTOLT BRECHT (GRAVAÇÃO) – CANTA A MORITAT DA
ÓPERA DOS TRÊS VINTÉNS

Sumara:

Eu, Bertolt Brecht, sou das negras florestas.

Minha mãe me trouxe para as cidades

quando eu ainda habitava seu ventre. E o frio das florestas

ficará em mim até a minha morte.

Na cidade de asfalto estou em casa

Para sempre unguindo dos sacramentos dos mortos:

jornais, cigarros, aguardente, (televisão),

desconfiado, ocioso e enfim satisfeito.

Com as pessoas eu sou gentil

e como elas enterro meu chapéu de feltro na cabeça.
Às vezes penso: são uns animais com um cheiro típico.
Depois digo: e daí, eu sou um deles.

De manhã, às vezes coloco duas ou três
garotas na minha espreguiçadeira.
Eu as observo indiferente e aviso:
sou um sujeito em quem vocês não devem confiar.
À tardinha, eu me reúno a alguns homens
e conversamos como cavalheiros.
Eles colocam os pés sobre a mesa e observam:
As coisas vão melhorar. E eu me pergunto quando.

De manhã, aurora cinzenta, os abetos vertem orvalho
E seus inimigos, os pássaros, começam a gritar.
Nessa hora, esvazio meu copo na cidade e atiro
fora meu toco de cigarro e caio no sono aborrecido.

Em nossa geração, nós temos vivido
em casas que se dizem indestrutíveis.
(Os altos edifícios da ilha de Manhattan e as antenas finas
que divertem o Atlântico são obras nossas.)
Dessas cidades todas restará apenas o vento que as atravessa.
Os da casa alegram o jantar do divertido convidado
que devora tudo.
Nós sabemos, estamos aqui de passagem;

e o que virá depois de nós? Nada que valha a pena.

Entretanto, nos cataclismos que virão espero não deixar meu charuto de Virgínia se apagar na amargura.

Eu, Bertolt Brecht, lançado das negras florestas nas cidades de asfalto, quando ainda habitava a minha mãe.

CHICO OFF – Depoimento de Brecht no Comitê das Atividades Antiamericanas:

Ramon – Eu me chamo Bertolt Brecht. Moro na rua 73, lado Oeste, em Nova York. Nasci em Augsburg, Alemanha, no dia 10 de fevereiro de 1898.

Kelly – Senhor Brecht, poderia informar a esta Comissão se o senhor é ou não cidadão dos Estados Unidos?

Ramon – Não sou cidadão dos Estados Unidos. Tenho apenas os primeiros documentos de emigrante.

Divi – Quando o senhor obteve esses documentos?

Ramon – Em 1941, quando cheguei a este país.

Cris – Quando o senhor chegou aos Estados Unidos?

Ramon – Preciso dizer o dia exato? Eu cheguei dia 21 de julho em São Pedro.

Daiana – Dia 21 de julho de 1941?

Ramon – Sim.

Sumara – Em São Pedro, Califórnia?

Ramon – Sim.

Kelly – O senhor nasceu em Augsburg, Bavária, na Alemanha, no dia 10 de fevereiro de 1898. Isto é correto?

Ramon – Sim.

Ramon – Nasci em Augsburg, Alemanha, filho de um funcionário de indústria e estudei ciências naturais e filosofia nas universidades de Berlim e Munique. Aos vinte anos, quando participei da (primeira) Guerra, como membro do corpo médico, eu escrevi uma balada que Hitler, quinze anos depois, subindo ao poder, usou como motivo para me expulsar da Alemanha. O poema atacava a Guerra e tudo aquilo que a prolongava.

Divi

Fui criado como filho de gente abastada.

Meus pais me colocaram um colarinho engomado no pescoço
e me educaram para eu me habituar

na prática da arte de mandar.
Mas quando cresci olhei à minha volta
e me recusei a ficar entre os da minha classe.
Eu me recusei a dar ordens e a ser servido.
Deixei a minha classe para me associar
às pessoas consideradas inferiores.

Cris

O médico me disse: fume seus charutos, sejam
eles de Virgínia ou não, ajuda a passar o tempo.
Eu tenho, p. ex., linhas cancerosas na mucosa da minha pupila.
E morrerei um dia ou outro.
Mas não há por que se entristecer.
Pode-se viver ainda muito tempo
fartar-se de frangos e groselhas.
Naturalmente, um dia isso acaba.
As mandingas ou o álcool não mudarão nada.
Um câncer aumenta sem que se perceba.
E a tua conta talvez já esteja feita
mesmo que tenhas acabado de levar ao altar a tua noiva.
Meu tio, p. ex., ostentava na sua calça
um vinco impecável - e já estava condenado.
Tinha certo colorido, mas eram cores de flores fúnebres
e, de fato, não tinha mais todos os seus cabelos.
Certas pessoas têm casos assim na família
mas se recusam a confessá-los.

Não confundiriam um abacaxi e uma jaca
mas seu câncer elas acham que é uma hérnia.
Meu avô, ao contrário, sabia do seu caso
e obedecia à risca o seu regime.
Assim ele chegou aos cinqüenta, mas já estava farto:
dizia que aquilo não era mais vida.
Quanto a nós, não temos por que nos invejar.
Cada um neste mundo aqui tem sua cruz pra carregar.
Da minha parte, eu sofro dos rins
e isso me impede há anos de beber qualquer coisa.

Gislaine

Em plena bebedeira, abandonado ao gelo das calçadas,
meu irmão caiu.
Atordoado, com uma lágrima trêmula,
ele se limitou apenas a um olhar.
Ele não nos via. A luz o cegava.
Não disse nada. Sua garganta se comprimiu.
Ele pôs a mão à direita do seu peito
onde habitava um coração e disse severo:
Vão-se embora. E tenham vergonha. Deixem assim.
São, disse ele, são minhas essas pedras.
Que ninguém chore, porque eu não quero.
Logo, nenhum de nós ousou incomodá-lo.
Nós ficamos de lado e até o meio-dia
ele ficou ali deitado, bêbado e resmungando.

Depois, ele morreria sem um grito. Se desfez depressa quando, possivelmente, julgou não ter mais ninguém por perto.

Daiane

Eu não me lembro mais do seu rosto
como ele era antes de começar o sofrimento.
Exausta, ela afastava seu negro cabelo da fronte
já tão pálida.

Ainda vejo aquela mão
ameaçada por tantos invernos - suas dores eram incontáveis.
A morte chegou até ela envergonhada de si mesma
e invadiu aquele corpo de menina.

Minha mãe morreu.
Ela cresceu na floresta e morreu entre rostos endurecidos
de tanto observá-la assim, morrendo tão lentamente.

Nós a perdoamos por sofrer tanto.
Mas ela vagou perdida em nossos rostos antes de partir.
Muitos de nós partem sem nosso impedimento.

E dizemos tudo, nada esquecemos.
Nossos rostos são duros quando dizemos adeus.
Mas não dizemos a palavra que interessa.

Nós somos mesquinhos com o que deve ser dito.
Oh, por que não podemos dizer a palavra necessária?
Seria tão fácil.

Agora estamos perdidos.
As palavras fáceis presas entre os dentes e misturadas ao riso

agora estão nos sufocando, sufocando.

Minha mãe morreu ontem, no crepúsculo, dia primeiro de maio.

E agora, com minhas unhas,

não poderei jamais arrancá-la da terra.

Divi

Oh, mostre-nos o caminho do próximo botequim

Oh, não pergunte por que.

Não encontrando o próximo botequim

eu garanto que é melhor morrer.

Garanto, melhor morrer.

Oh, lua de Alabama

temos de nos despedir

perdemos nossa velha mãe

e precisamos beber.

Oh, você sabe porque.

Ramon – Deixei a Alemanha em fevereiro de 1933, quando Hitler subiu ao poder. Fui para a Dinamarca, mas quando a guerra se tornou inevitável, em 1939, eu me transferi para Estocolmo, na Suécia, onde morei um ano. E quando Hitler invadiu a Noruega e a Dinamarca, tive de deixar a Suécia e fui para a Finlândia, onde esperei pelo meu visto para imigrar para os Estados Unidos.

CHICO OFF – Depoimento de Brecht no Comitê das Atividades Antiamericanas.

Sumara – O senhor obteve o seu visto de imigrante no vice-consulado dos Estados Unidos dia 3 de maio de 1941, em Helsinqui, na Finlândia?

Ramon – Sim.

Kelly – E o senhor entrou nos Estados Unidos com esse visto?

Ramon – Sim.

Cris – E por que preferiu residir primeiro em Helsinqui, na Finlândia?

Ramon – Quando Hitler subiu ao poder, pintores foram proibidos de pintar, o Partido Nazista fechou editoras e estúdios de cinema. Entretanto, todo esse golpe contra a vida cultural do povo alemão era apenas o começo. E somente algumas pessoas conseguiam perceber uma relação entre as restrições no campo cultural e o prenúncio de uma agressão contra a própria vida das pessoas.

Eu tive de sair da Alemanha em fevereiro de 1933, um dia após o incêndio do Reichstag. Começava um verdadeiro êxodo de escritores e artistas, um êxodo jamais visto... Fui inicialmente para a Dinamarca e dediquei a minha produção literária, desde então, à luta contra Hitler (o Nazismo), escrevendo peças de teatro e poemas... Acredito que esses meus poemas e peças, escritos nesse período da luta contra Hitler, tenham levado o Comitê das Atividades Antiamericanas a me convocar. Minhas atividades, todas elas contra Hitler, foram sempre puramente literárias e rigorosamente independentes...

Entretanto, chamado agora diante deste Comitê das Atividades Antiamericanas, sinto-me livre, pela primeira vez, para dizer uma palavra sobre questões americanas. Considerando minhas experiências de

dramaturgo e poeta na Europa, nas últimas duas décadas, gostaria de dizer que o povo americano perderia muito e se arriscaria demais permitindo qualquer censura à livre competição das idéias na área cultural ou que alguém interfira na arte, que precisa ser livre de qualquer submissão para ser arte.

Divi

Quando o regime ordenou que fossem queimados em praça pública

os livros cheios de informações perigosas

e que, por toda parte, fossem colocados brutamontes

para arrastar às fogueiras carroças de livros,

um poeta expulso (de seu país), um dos melhores,

lia atentamente a lista dos livros queimados

e descobriu, com assombro, que os seus haviam sido esquecidos.

Ele correu à sua escrivaninha,

a fúria lhe dando asas, e escreveu uma carta aos tiranos.

"Me queimem" - escreveu ele rapidamente. "Me queimem.

Não me dêem esse golpe. Não me deixem de lado.

Não tenho sempre falado a verdade nos meus livros?

Então por que me tratam agora como um mentiroso?

Eu exijo: Me queimem."

Ramon

Eu, no fundo, sou pela ordem. Mas um dia assisti a um filme de Charles Chaplin em que ele colocava suas roupas dentro de uma mala. Depois de tudo arrumado, ele tentou fechar a mala. Entretanto, o monte de roupas não cabia dentro e virou uma desordem. Então ele, pura e simplesmente, pegou uma tesoura e foi cortando as mangas das camisas, as pernas das calças, enfim tudo o que estava sobrando e não cabia na mala. Essa maneira de agir me deixou intrigado.

Sumara

Nas famílias, ao nascer uma criança
deseja-se que ela seja inteligente.
Eu, que tenho pelo vício de pensar demais
estragado toda minha vida,
só espero que o meu filho seja bem ignorante
e não goste muito de pensar.
Assim ele levará uma vida tranqüila
e poderá até chegar a ser uma pessoa muito importante.

Kelly

No meu país, nas festas de fim de ano,
nos aniversários e nas despedidas
as pessoas de bem se desejam boa sorte
porque o homem honesto, no meu país, precisa de muita sorte...

Divi

Eu não aconselho ninguém a se comportar como ser humano,
senão tendo a máxima prudência.
Na Alemanha, depois da Primeira Guerra Mundial,

saiu um livro com um título sensacional: "O Homem é Bom."

Eu me senti muito mal com esse título

e só fiquei tranqüilo quando li uma crítica que dizia:

"O homem é bom, mas pato com laranja é muito melhor."

Cris

A desgraça, quando a liberdade de opinião existe,

é que nunca se diz como ter uma opinião.

É preciso antes de mais nada

me dar a possibilidade de formular uma opinião.

Mas se os jornalistas, os intelectuais,

as pessoas que possuem as editoras e os meios de
comunicação

são contra

de que me adianta ter o direito de dizer o que eu penso?

Gislaine

É, realmente... Pensar deixou de ser um prazer.

Seja como for, em um ponto nós concordamos:

a procura do prazer é a maior das virtudes.

Num lugar onde se leva uma vida dura

e não se pode nem ter um vício,

há nesse lugar alguma coisa de podre.

O prazer de pensar, eu já disse isso,

não existe mais hoje em dia

ou quase não existe.

Daiane

Para ser exato, já não existem mais prazeres em geral.

Primeiro porque eles são caros.

Até para se olhar uma paisagem é preciso pagar.

Paga-se até para defecar

porque não se entra em certos mictórios sem pagar.

Em Estocolmo, eu conheci um sujeito

que vinha me visitar regularmente.

Eu pensei que fosse pra gente conversar.

Era pela minha privada.

A dele estava entupida.

Ramon

Um rapaz que trabalhava comigo no laboratório - ele se chamava Serin - mantinha tudo perfeitamente em ordem. E se esforçava.

Se você colocasse todo o material na mesa para uma experiência e fosse chamado ao telefone, enquanto você atendia à ligação ele colocava tudo de novo arrumado na prateleira. Se você anotasse alguma coisa num pedaço de papel, ele iria direto para a lata de lixo.

Serin causava piedade.

E eu nunca pude imaginar que ele tivesse uma vida pessoal. E na verdade ele tinha.

Quando Hitler subiu ao poder, descobrimos que durante todo aquele tempo Serin militava no nacional-socialismo - e era um militante dos mais ativos. E no dia em que Hitler foi proclamado chanceler, o Senhor Serin, pendurando seu avental no cabide, disse:

"Agora, meu senhor, vai se por um pouco de ordem na Alemanha."

Eu não gosto de viver num lugar que se distingue por sua ordem. É um sinal de miséria... Pode-se formular a idéia assim: onde nada está em seu lugar, é a desordem. E onde deveria haver alguma coisa e não há nada, isto é a ordem.

=====
=====

INCLUIR OU NÃO ESTA PARTE:

BRECHT – PENSAMENTOS ESPARSOS

PORQUE AS COISAS SÃO COMO SÃO, PERMANECERÃO COMO SÃO.

NÃO TEMA A MORTE MAS A VIDA INADEQUADA.

DO BERÇO AO CAIXÃO, A ROUPA DE BAIXO VEM PRIMEIRO.

PRIMEIRO A BARRIGA, DEPOIS A MORAL.

INTELIGÊNCIA NÃO É DEIXAR DE COMETER ERROS, MAS, RAPIDAMENTE, TRANSFORMÁ-LOS EM ALGO BOM.

O QUE É PIOR: UM ROUBO A UM BANCO OU A INAUGURAÇÃO DE UM BANCO?

- É CORRETO HESITAR SE, DEPOIS, VOCÊ VAI EM FRENTE.

- MISTURAR VINHOS PODE SER UM ERRO MAS NOVA E VELHA SABEDORIAS COMBINAM ADMIRAVELMENTE.

- NINGUÉM PODE SER BOM POR MUITO TEMPO SE A BONDADDE NÃO É EXIGIDA.

- A POBREZA PODE FAZER DE VOCÊ UM SÁBIO MAS É UMA MALDIÇÃO.

- O DIREITO É SUA PRÓPRIA DEFESA.

- ÀS VEZES, É MAIS IMPORTANTE SER HUMANO DO QUE TER BOM GOSTO.

- INFELIZ DO PAÍS QUE PRECISA DE HERÓIS.

- A ARTE, QUANDO É BOA, É SEMPRE ENTRETENIMENTO.

- A GUERRA É COMO O AMOR: SEMPRE ENCONTRA UM CAMINHO.

TODAS AS ARTES CONTRIBUEM PARA A MAIOR DE TODAS AS ARTES: A ARTE DE VIVER.

- Quando a verdade for demasiado débil para defender-se terá que passar ao ataque.

- HÁ HOMENS QUE LUTAM UM DIA, E SÃO BONS.

HÁ HOMENS QUE LUTAM POR UM ANO, E SÃO MELHORES.

HÁ HOMENS QUE LUTAM POR VÁRIOS ANOS, E SÃO MUITO BONS.

HÁ OUTROS, PORÉM, QUE LUTAM TODA A VIDA – ESSES SÃO IMPRESCINDÍVEIS!!!

- Em minha parede há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um demônio mau, coberta de esmalte dourado
Compreensivo, observo
As veias dilatadas da frente, indicando
Como é cansativo ser mau.

- Aquele que não sabe é simplesmente um ignorante, mas aquele que sabe e se cala é um criminoso.

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.

Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

- Um homem que tem algo a dizer e não encontra ouvintes está em má situação. Mas, pior ainda, estão os ouvintes que não encontram quem tenha algo a dizer-lhes.

- Alguns juízes são absolutamente incorruptíveis. Ninguém consegue induzi-los a fazer justiça.

- Quando chegar o momento de vocês deixarem o mundo, não tenham a preocupação de terem sido bons. Isto não é o bastante! Deixem o mundo bom!

- O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nascem a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

=====
=====

CHICO OFF – Depoimento de Brecht ao Comitê das Atividades Antiamericanas.

Divi – Agora eu gostaria de repetir a questão inicial. Senhor Brecht, o senhor é no momento, ou foi, membro do Partido Comunista de algum país?

Ramon – Eu não fui e não sou membro de nenhum Partido Comunista.

Kelly – O senhor não pertenceu ao Partido Comunista na Alemanha?

Ramon – Não. Eu não pertenci.

Cris – Senhor Brecht, é certo que escreveu inúmeros poemas, peças de teatro e outros textos de caráter subversivo?

Ramon – Eu escrevi muitos poemas, canções e peças de teatro na luta contra Hitler. E, é claro, eles podem ser considerados assim, como subversivos, porque eu, é claro, era contra aquele governo.

Daiane – Senhor Brecht, muitos de seus escritos estão baseados nas idéias de Lenin e Marx?

Ramon – Não. Eu acho que isso não é exatamente correto. Mas, é claro, eu estudei e estudo como autor de peças de temas históricos. Então, é claro, precisei estudar as idéias de Marx sobre História. Eu não acho inteligente que hoje se escrevam peças sem nenhum estudo.

Gislaine – Senhor Brecht, o senhor nunca fez gestões para se inscrever no Partido Comunista?

Ramon – Não, não, não, nunca. Sempre fui e espero continuar sendo um escritor independente. E reafirmo isso. Pelo menos teoricamente, eu creio também que é melhor pra mim não ser filiado a nenhum partido. E todas essas coisas lidas aqui, de minha autoria, não foram escritas somente para os comunistas alemães, mas também para todo e qualquer trabalhador. Os trabalhadores da social-democracia também. E os trabalhadores católicos das associações católicas. E também os trabalhadores que nunca estiveram filiados a nenhum partido e nunca quiseram se filiar.

Kelly

Sou um autor de teatro.

Mostro aquilo que vejo.

No mercado de homens

tenho visto como se compra e como se vende o homem.

É isso que eu mostro,

eu, autor de teatro.

Como eles se encontram cheios de planos,

cheios de armas e de dinheiro.

Como eles esperam nas ruas

Como se preparam armadilhas

cheios de esperança.

Como eles marcam encontros

Como se devoram

Como se amam

Como eles defendem seu lucro

Como eles comem.

É isso que eu mostro.

Cris

Eu revelo as conversas que eles têm
O que a mãe diz a seu filho
e o que o patrão ordena ao empregado
e a mulher responde ao marido.
Eu revelo todas as suas palavras
servis ou autoritárias
suplicantes ou equívocas
mentirosas ou ignorantes
belas ou injuriosas.
Eu as revelo todas.

Gislaine

Vejo surgir avalanches de neve
o aproximar-se dos cataclismos.
Montanhas obstruindo o caminho
e águas transbordantes.
Mas as avalanches de neve usam chapéu.
Os cataclismos têm dinheiro no bolso.
As montanhas descem de automóveis
e as águas em fúria comandam policiais.
Eis o que eu revelo.

Sumara

Vocês vieram fazer teatro, mas agora
uma pergunta: para que?
Vocês vieram mostrar ao público
o seu talento, então vocês se apresentam
como fenômenos...
Do público, vocês esperam que
ele aplauda vigorosamente arrebatado
de seu mundo para seu vasto universo,
provando com vocês
a vertigem das grandes alturas
e as paixões em seu paroxismo.
Mas agora uma pergunta: para que?

Daiane

Lá embaixo, na platéia,
uma questão explode:
obstinadamente alguns exigem
que vocês não se limitem a se exhibir
mas que lhes mostrem o mundo.
De que nos serve, eles dizem,
ver sempre como fulano
sabe ficar triste e beltrano cruel
ou o rei perverso que cicrano interpreta?
Qual é o objetivo dessa eterna exposição de trejeitos e

convulsões de alguns indivíduos? (...)

Cris

A quais espectadores vocês,
atores, devem servir?

Eu lhes sugiro: os descontentes. (...)

A primeira coisa que vocês devem aprender
é a arte de observar.

Divi

Você, ator,
deve antes de qualquer um
dominar a arte de observar.

Não é o tom que você dá às coisas que interessa
mas aquilo que você viu e que você mostra.

Vale a pena saber o que você sabe.

E a gente o observará para ver se você observa bem.

Que tipo de conhecimento dos homens pode ter
quem não observa senão a si mesmo? (...)

Kelly

Então,
seu aprendizado deve começar entre os homens.
Que sua primeira escola
seja seu lugar de trabalho, sua casa, seu quarteirão,

e a rua, o metrô, as lojas.

E, aí, observe cada um.

O estranho como se ele fosse conhecido

e o conhecido como se ele fosse estranho. (...)

Gislaine

Depois:

observa mal quem de suas observações

não sabe o que fazer. (...)

E ninguém consegue uma visão precisa do homem

se ignorar que o homem é o destino do homem.

Sumara

A arte de observar

aplicada aos homens

não é senão um aspecto da arte de agir sobre os homens.

Seu papel, como atores,

é o de estudar e ensinar a arte de agir sobre os homens.

Descobrimo e mostrando sua natureza

vocês ensinam como agir um sobre o outro.

Vocês ensinam a grande arte da vida social. (...)

Divi

Assim vocês podem, atores, aprendendo e ensinando,

por seu trabalho criador,

intervir em todas as lutas dos homens do seu tempo

E também
pela seriedade do estudo e a serenidade do conhecimento
ajudar a fazer da experiência da luta pelo bem de todos
e da justiça, uma paixão.

Cris

Tudo muda. Tudo recomeça
Até mesmo em teu último suspiro.
Mas o que se fez está feito.
A água misturada no vinho
Você não pode mais retirá-la.
O que se fez está feito. E a água
misturada no vinho você não pode
retirar, mas tudo muda. Tudo recomeça
Até mesmo em teu último suspiro.

=====

Divi

Quando veio a primavera e o mar se fez azul
ela não agüentou mais...
Ela subiu então a bordo do último navio.
Ela, a jovem Evlyn Roe.

No seu corpo tão belo que os olhos duvidam
ela joga um chale fedido
e não tem outro tesouro, outra jóia

que a mecha de ouro de seus cabelos.

"- Senhor capitão, leve-me à Terra Santa,
Quero ir à casa de Jesus Cristo."

"- Sim, venha conosco, moça; é bom fazer uma farra
e você é muito bonita."

"- O bom Deus lhe pagará, sou apenas uma pobre moça
e minha alma é de Jesus Cristo."

"- Então nos dê esse corpo tão doce.

Jamais o Senhor que você ama poderia pagar por seu corpo
porque ele morreu crucificado."

Eles iam ao sol e ao vento

E seu tesão ia para Evlyn Roe.

Ela comia seu pão, bebia seu vinho
em vez de se preocupar com o que viria.

Dia e noite eles dançavam.

Esquecendo a direção.

Evlyn Roe era muito tímida e muito doce
mas eles eram mais duros que pedra.

Passou a primavera. O verão terminou.

De verga em verga ela atravessou a noite

Sapatos em frangalhos

Escrutando a bruma, procurando um porto de descanso.

A pobre Evlyn Roe.

Dia e noite ela dançava.

E seu rosto fez-se rosto de velha.

"- Senhor capitão, quando chegaremos
à Santa Cidade do Senhor?"

O capitão chafurdava-se em suas pernas,
beijava-a, depois risonho respondia:

"De quem a culpa, se não chegarmos nunca?
De Evlyn Roe."

Dia e noite ela dançava.

E seu rosto fez-se rosto de cadáver.

E de repente, do capitão ao limpa-chão
todos se fartaram dela.

Ela envolvia com uma túnica muito fina
seu pobre corpo lívido, doente.

E sobre sua face desfeita caia um chumaço
de miséria e cabelos.

"- Nunca, Senhor Jesus, eu te verei
com este corpo cheio de pecado.

Tu, inclinar-te sobre uma prostituta?

Pobre moça que eu sou."

De verga em verga, muito tempo ela saltou.

E o coração e o pé lhe doíam.

Uma noite ela mergulhou e ninguém a viu.
Naquele mar ela mergulhou, à noite.
Era uma noite fria de janeiro.
Ela nadou tanto e tão longe
mas somente na primavera
as flores desabrochariam.
Ela se abandonou às ondas dentro da noite.
Branca e pura uma onda a recolheu.
Ela estará na Terra Santa, em verdade vos digo,
antes do capitão.

Quando com a primavera ela chegou ao paraíso
São Pedro lhe bateu a porta no nariz: "Deus me disse:
no Céu não quero saber de Evlyn Roe, a puta."
Mas quando ela chegou à entrada do inferno,
diante dela as portas se trancaram
E o Diabo lhe gritou: "Do Inferno está expulsa
Evlyn Roe, a pura."

Assim, pelos campos de estrelas e pelo vento
ela caminhou através da noite dos tempos.

Na noite escura, pelos campos, sim, eu a vi passar:
muitas vezes ela vacilava, mas jamais se detinha
A pobre Evlyn Roe.

Kelly

Estola vermelha e vestido de algodão
e dois lagos negros nos olhos
Sem dinheiro nem virtude e também
cabelos negros de um negro tão profundo
e tão longos, tão longos, que ela solta sempre
até seus pés... .

Assim era Hanna Cash, meu filho,
enganada pelos gentlemen
que vieram e partiram com o vento,
o vento que corre a savana, meu filho.

Ela não tinha nem roupas nem sapatos
nem mesmo um salmo que pudesse cantar.
Como uma gata, na grande cidade, rodopiante,
uma gata grisalha entre prostitutas e cadáveres,
presa ao longo dos escuros canais.

Ela lavava os copos de absinto
mas para ela sequer um banho,
e por isso essa Hanna Cash, meu filho,
era limpa, não sei se você me entende.

E no café do porto ela se prostituiu uma noite
com seus olhos de lagos profundos e negros,

até encontrar J. Kent num beco de cais.

Kent, um bandido dos bares de marinheiros.

Esse homem foi quem a levou.

Quando esse vadio do Kent

deu uma piscadela, dominando-a,

Hanna Cash, meu filho, sentiu esse olhar lhe

pesar da cabeça aos pés.

Juntos eles dividiam a caça e o peixe.

Foi assim que eles se uniram para o melhor e para o pior.

Eles comiam sem mesa e dormiam sem teto.

Não tinham nem mesmo a caça e o peixe

E para os filhos eles não tinham nome.

Mas ainda que soprasse o vento gelado ou caísse a chuva

ou que a savana sob as águas fosse engolida

ela ficava, essa Hanna Cash, meu filho,

ela ficava com esse homem que era o seu amado.

O delegado dizia que ele era um gatuno

E a leiteira, que era um safado.

E Hanna dizia: "E daí? Ele é o meu homem."

Ela era livre, não era?, até para ficar com ele

e livre também para tudo mais.

Quando ele chegava bêbado

e falador, batia nela por qualquer motivo.

Mas para Hanna Cash, meu filho, só importava
saber se ele a amava, nada mais.

Onde estava o berço não havia nenhum teto
mas para o que viesse, os pais lá estariam.

Juntos eles iriam

do asfalto das cidades às veredas das florestas
e das florestas para as savanas.

Assim muito tempo se passou na neve e no vento
sem recuo nem esgotamento.

Há quanto tempo Hanna Cash partiu,
meu filho,
com o homem que era seu amado.

Não havia mulher vestida tão pobremente
e para a qual dia algum jamais foi domingo.

Nada de passeios ao Café-da-Torta-de-Cerejas,
nem de música, nem de gorjetas para o garçom.

E cada dia era como todos os dias

Dias sem sol.

Mas para Hanna Cash, o sol, meu filho,
estava em seu rosto, para sempre

Ele roubava os peixes, enquanto ela roubava o sal.

"A vida não é fácil!" Claro que não era.

Enquanto ela fritava os peixes, ele colocava

as crianças sob seus joelhos: "(Agora) me recitem
- ele dizia - o seu catecismo."

Durante cinquenta anos, na noite e no vento
eles dormiram sem um só cobertor.

Assim foi Hanna Cash, meu filho.

O bom Deus que a tenha.

Ramon

Eu desejo, e isto é pedir muito?,
me entregar com a maior alegria
a quem meu coração ama.

Será demais a minha fantasia?

Não se vive senão uma vez, a vida é breve.

Por isso todo homem tem o direito de ser feliz
de ter sua parcela de sonhos e de prazeres
de comer se tem fome, de ter um leito macio.

Sim, são direitos os mais elementares...

Mas alguém já viu nesta Terra

um só homem que não se lamentasse?

Dê a cada um o seu e acabam-se as guerras...

Mas isso as circunstâncias não permitem.

Seria lindo ser bom.

Dizer "Eu te perdôo.

O que é meu é teu."

Seria lindo ser bom.

Praticar a bondade, a gente só queria.

Dar seus bens aos pobres, por que não?

E o Reino de Deus se realizaria

e quem não seguiria em seu caminho?

Praticar a bondade, a gente só queria...

Mas, enfim, sobre este triste planeta

a vida é dura e o homem enlouqueceu.

Quem não sonha uma vida honesta?

Mas isso as circunstâncias não permitem.

Enfim, seria querer demais.

O mundo é cruel e o homem, mau.

Pode ser que eu não tenha muita razão.

O mundo é cruel e o homem, mau!

Todos têm direito nesta Terra ao paraíso.

Mas as circunstâncias permitem?

Não, justamente, eu lhes disse.

Seu irmão e você são como se fossem um

mas se você come e ele tem fome,

cuide bem do seu prato.

Ser fiel é muito bonito

mas o amor não é eterno...

Você não terá sempre vinte anos.

Sua mulher vai escolher outro mais jovem.

Cuidado então com o que é seu.

Você se dedica a seus filhos
e acredita que eles lhe serão gratos.
Mas muito cuidado com o que é deles
Ser humano, seria muito bonito.
Tudo isso é lamentável
A gente é bem miserável...
Seríamos bons, se pudéssemos.
Mas as circunstâncias não permitem.

=====

Gislaine

Quando eu vim para as novas cidades
muitos vieram comigo.
Mas quando eu deixei as novas cidades
nenhum deles me acompanhou.
No dia marcado para o combate,
lutei minha luta
e resisti de manhã à noite.
Ao meu lado não havia ninguém.
Mas muitos me olhavam sorrindo
ou com lágrimas, do alto dos muros.
Tentei me convencer
de que eles haviam se esquecido do dia combinado

ou que eles mudaram a data
e se esqueceram de me avisar.
Mas à noite eu os vi sentados
em cima dos muros comendo.

E eram pedras o que eles comiam.

E percebi que demonstravam certa esperteza
habitando-se à nova situação
enquanto ainda era tempo.
E percebi pelos seus olhos
que os inimigos não lutavam contra a minha pessoa.
Era tudo por uma questão geográfica.
(Onde eu estava era justamente
o lugar em que caíam mais bombas.)
Então eu sorri
e sai daquele lugar.
Logo depois saímos todos de nossas posições,
amigos e inimigos,
para irmos, agora juntos,
beber vinho e fumar.
E eles me diziam e repetiam
ao longo dessa noite agradável
que não tinham nada contra mim.
Que nada nas minhas palavras os
ofendera, como eu imaginava,

visto que eles não haviam entendido nada.

Mas eles tinham apenas imaginado
que eu queria alguma coisa que era deles
e que para toda a eternidade
a eles estava determinada e consagrada.

Então eu me pus a sorrir dando-lhes
a certeza de que eu não queria nada disso.

Cris

Quando os que lutam contra a injustiça
mostram suas faces marcadas
é grande a impaciência dos
que vivem em segurança.
De que vocês se lamentam?, perguntam.
Vocês lutaram contra a injustiça
e foi a injustiça que triunfou.
Então, calem-se.
Quem luta deve saber perder.
Quem busca problema se expõe ao perigo.
Quem professa a violência
não têm o direito de acusar a violência.

Ah, meus amigos,
Vocês que estão no abrigo
por que essa hostilidade?
Somos seus inimigos,

nós que somos inimigos da injustiça?
Quando os que lutam contra a injustiça são vencidos
A injustiça passa a ser justiça?
Nossas faces marcadas, vêem vocês,
não provam nada, senão
que somos bem poucos
para lutar contra a infâmia.
Mas percebemos nos que assistem
que, ao menos, eles se sentem envergonhados.

Sumara

Seria a opressão tão velha quanto o lodo à beira do pântano? E é inevitável que haja o lodo à beira do pântano...

Será possível que, quanto maior o número dos que sofrem, mais natural nos pareça o seu sofrimento? Quem pode impedir que se molhem os peixes no mar? E aqueles que sofrem não se esqueceriam da própria dor, perdendo a bondade consigo mesmos? É terrível que o homem se acomode tão facilmente não apenas à sua própria dor, mas também às causas da sua dor. E todos aqueles que pensaram nesses absurdos, recusam fazer apelo à piedade do homem para com o homem. Mas a piedade do oprimido para com o oprimido é indispensável. É a esperança do mundo.

=====
=====

Ramon

Quando um soldado americano me contou

Que os filhos bem nutridos da burguesia alemã
se vendiam por um cigarro e os filhos dos pequeno-burgueses,
por um chocolate,
mas que os operários russos nos campos de trabalho forçado
ainda que famintos não se vendiam,
eu me senti encorajado.

Sumara

Vocês que virão com os tempos futuros e
com as auroras novas sobre as cidades
que ainda não foram fundadas,
vocês também que ainda não nasceram,
escutem agora a minha voz,
eu que morro
a morte sem glória.

Morro assim
como o camponês que não cultivou sua terra e
como o carpinteiro que, indolente, abandonou
seu telhado inacabado.

Assim
eu perdi meu tempo,
esbanjei meus dias
e agora
é preciso pedir a vocês

que digam tudo o que não foi dito,
que façam tudo o que não foi feito
e que me esqueçam
depressa, eu lhes suplico,
para que meu exemplo mau
não possa corrompê-los demais.
Ah, por que eu misturei
minhas melhores palavras
a tantas conversas inúteis,
enquanto tantos ignorantes
estavam ávidos de saber?

Ah, por que
meus poemas não mostraram os lugares
em que se alimentam as cidades,
em que constroem os navios?
Por que não mostraram as locomotivas tão velozes
como a fumaça
que vagueia no ar?
Para aqueles que são úteis e que acreditam
minhas palavras são como cinza na boca
e balbuciar ébrio.
Nenhuma palavra que eu diga a vocês,
gerações dos tempos que virão,
nenhuma indicação que eu lhes possa dar
com dedo trêmulo, por que,

como poderia mostrar o caminho quem
não seguiu esse caminho?

Não me resta senão, a mim
que desfiz minha vida desse modo,
exortá-los
a não respeitar nenhuma ordem saída da nossa boca
apodrecida
e a não aceitar
nenhum conselho daqueles
que foram tão miseravelmente omissos, mas
a decidir apenas por vocês mesmos
sobre o que é bom para vocês
e que possa ajudá-los a cultivar a terra que nós deixamos árida
e tornar habitáveis
as cidades que nós empestecemos.

Gislaine

Verdadeiramente, eu vivo tempos muito sombrios.

As palavras inocentes são insensatas.

Um rosto tranqüilo

revela insensibilidade.

Quem ri

é porque a terrível notícia

ainda não chegou até ele.

Que tempos esses

em que falar da natureza é quase um crime
porque significa silenciar sobre tantas maldades?
Os que tranqüilamente andam pelas ruas
certamente é porque seus amigos que estão em desgraça
não podem mais incomodá-los.

É certo, eu ainda ganho a minha vida
mas, acreditem, é puro acaso.

Nada do que eu faço justifica que eu coma se tenho fome.
Por acaso eu fui poupado.

(Se a sorte mudar, estou perdido.)

Dizem:

Beba e coma! Alegre-se por isso!

Mas como posso beber e comer
se eu tiro o que eu como dos que têm fome
se minha bebida falta a quem tem sede?

Apesar disso, eu bebo e eu como.

Eu gostaria de ter sido um sábio.

Os velhos livros ensinam o que é ser sábio:
omitir-se das lutas do mundo e tranqüilamente
deixar o barco correr,
conseguir não usar a violência,
ceder ao bem e não ao mal,
não podendo ter suas vontades, esquecê-las.

É isso que dizem ser a sabedoria.

É isso o que eu não consigo.

Verdadeiramente eu vivo tempos muito sombrios!

Daiane

Eu vim para as cidades no tempo da desordem
quando reinava a fome.

Juntei-me aos homens no tempo da revolta
e com eles eu me revoltei.

Assim passei o tempo

que me deram na terra.

Minha comida eu comi entre as batalhas.

Me deitei para dormir entre assassinos.

Do amor eu me ocupei sem muito cuidado
e a natureza eu vi sem atenção.

Assim passei o tempo

que me deram na terra.

As estradas do meu tempo levavam ao pântano.

A palavra me traiu e me entregou ao carrasco.

Eu podia pouco. Mas sem mim os poderosos
estariam mais seguros em seu poder, eu acredito.

Assim passei o tempo

que me deram na terra.

Minhas forças eram pequenas. O objetivo

estava bem distante, mas

era claramente visível. Assim

eu acreditei que pudesse alcançá-lo.

Assim passei o tempo

que me deram na terra.

Cris

Vocês que surgirão da maré

em que nos afogamos

ensem

quando falarem de nossas fraquezas

nos tempos sombrios

dos quais vocês se livraram.

Considerem que nós caminhamos mudando mais de país que
de sapatos

No meio das lutas de classe, desesperados,

quando não havia senão injustiça e nenhuma revolta.

E nós sabemos, contudo:

Também o ódio contra a baixeza

deforma o rosto.

E até mesmo a cólera contra a injustiça

deixa a voz rouca. Ah, nós,

que sonhamos preparar o terreno para a amizade

não conseguimos nós mesmos sermos amigos.

Mas vocês, quando tudo mudar

e o homem for um amigo para o homem,

ensem em nós

com indulgência.

FIM